

# TEODORO DE ALMEIDA E A FILOSOFIA NATURAL EM PORTUGAL, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII

PATRÍCIA GOVASKI\*

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo investigar de que forma a obra e o pensamento filosófico de Teodoro de Almeida, clérigo oratoriano e expressivo representante do pensamento iluminista em Portugal, podem nos remeter a elementos interligados à concepção de Filosofia Natural presente naquele reino, durante a segunda metade do século XVIII. Com a análise de dois tomos da Recreação Filosófica, pretende-se mostrar de que forma Teodoro de Almeida procurou defender a Filosofia Natural moderna da suspeita de ateísmo que pesava sobre ela, assim como tentou provar que o filósofo natural moderno detinha um maior conhecimento acerca da grandeza, sabedoria e ação divina neste mundo se comparado ao filósofo moderno peripatético, ou seja, seguidor da filosofia aristotélica concebida pela escolástica medieval.

**Palavras-chave:** Recreação Filosófica, Filosofia Natural, Iluminismo.

## ABSTRACT

The following paper searches to approach how the philosophy of Teodoro de Almeida, an important oratorian priest whose thought stands by the Portuguese Enlightenment, is able to bring us elements attached to the Natural Philosophy which was given birth in that realm, throughout the second half of the XVIII century. By analysing two volumes from Recreação Filosófica, is intended to show by which means Teodoro de Almeida tried to defend modern Natural Philosophy from the atheism accuse that fell out upon it, as much as tried to prove that a modern natural philosopher could be wiser about the greatness, knowledge and divine action in this world compared to the peripathetic one; an aristotelian philosopher who follows the medieval scholasticism.

**Keywords:** Recreação Filosófica, Natural Philosophy, Enlightenment.

\* Graduanda do curso de História – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal do Paraná. Bolsista Iniciação Científica – Fundação Araucária. E-mail: patricia.govaski@gmail.com.

A historiografia costuma assinalar o século XVIII como um momento profícuo para a produção de novas formas de conhecimento. Em boa parte do continente europeu, assim como em alguns pontos das Américas, a crença no progresso racional humano e um ideal de controle sobre o meio natural exerceram verdadeiro fascínio sobre diversos pensadores. A Filosofia Moderna passou então a se contrapor a antigos ideais, questionando a capacidade explicativa destes últimos para a formulação de teorias razoáveis voltadas à compreensão do mundo e de seus fenômenos naturais.

Portugal não ficou alheio a este movimento transformador e, durante esse período, a produção filosófica portuguesa obteve grande visibilidade e apreço por uma significativa parcela do meio público. Pode-se perceber esta perspectiva considerando a produção intelectual do padre Teodoro de Almeida, membro da Congregação do Oratório e expressivo representante do pensamento iluminista em Portugal. Teodoro de Almeida considerou que as inovações filosóficas de seu tempo eram ainda algo obscuro e inacessível para muitos nobres e homens de grande estirpe, em especial entre aqueles que não possuíam acesso às universidades ou aos círculos intelectuais letrados. Para o oratoriano, uma vez que a natureza havia concedido a todos os homens o dom do entendimento, esses sujeitos permaneciam na ignorância ou escuridão, não por opção, mas por não possuírem instrução ou familiaridade com a linguagem e o método em que os aperfeiçoados saberes estavam sendo produzidos.<sup>1</sup>

Tendo em vista esta questão e demonstrando profunda inserção nas principais discussões de sua época, Teodoro de Almeida escreveu a *Recreação Filosófica ou Diálogo sobre a Filosofia Natural para a instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas*, obra que teve por objetivo tornar as inovações filosóficas provenientes da experimentação científica acessíveis entre aqueles que não detinham as técnicas ou habilidades necessárias para entendê-las. A publicação dos dez tomos que compõem aquele texto foi iniciada na cidade de Lisboa, em 1751, ano em que Almeida começou a reger seu primeiro curso na Congregação do Oratório, sendo concluída somente no ano de 1800, no período final de sua atividade intelectual.<sup>2</sup> Texto mais importante desse oratoriano, a *Recreação Filosófica* é uma obra de proporções enciclopédicas, constituída por cerca de 3.500 páginas, escritas em português e sob a forma de diálogo, recurso frequentemente utilizado por inúmeros pensadores em escritos voltados à grande divulgação cultural.<sup>3</sup>

De acordo com Maria Luísa Malato Borralho, a *Recreação Filosófica* não era de fato um livro inovador, mas retoricamente era muito diferente das obras que a precederam.<sup>4</sup> Defensor de um ideal de popularização da experimentação e dos novos saberes científicos, Teodoro de Almeida procurou apresentar a Filosofia Natural e as demais ciências conhecidas até o século XVIII em uma linguagem simples e acessível, que se diferenciava da escrita formal e metódica praticada pelas escolas oficiais portuguesas, conforme o próprio título da obra parece indicar.

Grande sucesso editorial em toda a península Ibérica, o projeto inicial de Teodoro de Almeida contava com apenas seis tomos, mas sofreu uma série de alterações no decorrer de sua idealização. Em um primeiro momento, o autor decidiu acrescentar dois tomos à obra,

1 ALMEIDA, Teodoro de. Dedicatória. In: *A Recreação Filosófica, ou diálogo sobre a Filosofia Natural para instrução de pessoas curiosas que não frequentarão as aulas*, tomo I, 5ª impressão. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1786.

2 Anos de publicação dos tomos da *Recreação Filosófica*: I e II, 1751; III, 1752; IV, 1757; V, 1751; VI, 1762; VII, 1768; VIII, 1792; IX, 1793; X, 1800.

3 CARVALHO, Rómulo de. *A física experimental em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Educação e Língua Portuguesa, 1982, p.11.

4 BORRALHO, Maria Luísa Borralho. Teodoro de Almeida: Entre as histórias da História e da Literatura. *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. Vol. 1, 2001, p. 215.

---

---

voltados à lógica e à metafísica, respectivamente. Segundo Marta de Mendonça, a estrutura, o estilo, os componentes do diálogo e os objetivos destes oito primeiros tomos são idênticos, ainda que a reflexão de cada um deles se estenda a novos domínios.<sup>5</sup> Num segundo momento, o projeto sofreu uma nova alteração, que consistiu na inclusão de dois outros tomos, um consagrado à teologia natural e outro destinado à ética, onde o autor procurou abordar aquilo que definiu como uma ciência dos costumes de sua época.<sup>6</sup>

Esses dois últimos tomos da Recreação Filosófica apresentam diversos aspectos que os diferenciam daqueles que os antecedem. O de maior relevância talvez se encontre na atenção especial que o padre Teodoro de Almeida destinou à temática da harmonia entre razão e religião em suas reflexões. Como uma tentativa de conciliar as inovações filosóficas produzidas por sua época aos preceitos milenares defendidos pelo cristianismo, esses tomos apresentam discursos em defesa da razoabilidade da moral cristã aos tempos modernos. Os temas abordados nos dois últimos volumes não se limitam apenas à contraposição existente no reino de Portugal entre a Filosofia Natural moderna e a Filosofia Peripatética (defendida, em especial, pelos membros da Companhia de Jesus e entendida como uma concepção de filosofia aristotélica interligada à escolástica medieval). Os principais interlocutores das discussões acerca da razoabilidade da moral, não são, portanto, apenas os filósofos antigos e os filósofos modernos, ou seguidores dos métodos de ensino defendidos por oratorianos ou jesuítas, mas sim indivíduos crentes e incrédulos.

A partir destas considerações, pretendemos, neste artigo, discutir a possibilidade da obra e do pensamento filosófico do padre Teodoro de Almeida nos remeterem a elementos que constituem a concepção de Filosofia Natural, presente no reino de Portugal na segunda metade do século XVIII. Para tanto, utilizamos o primeiro e o décimo tomos da Recreação Filosófica, uma vez que, no decorrer destes dois volumes, Teodoro de Almeida expôs uma reflexão acerca da ideia de natureza, ainda que de formas bastante distintas. Assim, neste trabalho, procuramos mostrar qual foi à finalidade e a importância da publicação de obras como as desse oratoriano, em um período da história de Portugal fortemente marcado por uma iniciativa de universalização dos saberes e de reorganização da educação entre os membros do mais alto estrato social do reino.

## **O reino de Portugal e a Filosofia Natural na segunda metade do século XVIII**

Conforme indicamos, o século XVIII foi caracterizado como um período marcado por profundas transformações políticas e sociais; palco para o desenvolvimento do Iluminismo, um movimento de caráter intelectual que visava operar uma crítica reformadora dirigida ao aperfeiçoamento da sociedade ocidental. No plano filosófico, a crítica iluminista dominou boa parte da produção de ideias, entre os séculos XVII e XVIII. Paulatinamente, essa forma de pensamento voltou suas atenções para o meio social que a cercava, realizando apreciações que englobavam desde os modelos de governo comuns à época até a organização e hierarquização das pessoas. Assim, dos costumes à religião, da política ao estado, das artes às ciências, nada parece ter escapado ao seu exame e crítica.

Comumente apresentado como um processo de esclarecimento, ou de iluminação de concepções obscuras e arcaicas, o movimento iluminista, de acordo com Ulrich Im Hof,

---

5 MENDONÇA, Marta de. O problema moral em Teodoro de Almeida. *Revista de Estudos Filosóficos*. Minas Gerais, n. 7, 2011, p. 107.

6 ALMEIDA, Teodoro de. Dedicatória. In: *A Recreação Filosófica sobre a Filosofia Moral, em que se trata dos costumes*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1800.

desenvolveu-se em várias etapas, escondendo uma complexidade de elementos devido aos seus muitos desdobramentos. O Iluminismo é, em resumo, um termo que envolve um conjunto de novos ideais ou saberes filosóficos e uma ampla gama de ações e inovações políticas; ou seja, é uma palavra que poderia vir a caracterizar toda uma época.<sup>7</sup> Para Flávio Rey de Carvalho, esta ideia plural em relação ao Iluminismo, presente no pensamento filosófico de muitos autores do Setecentos, não foi a mesma exposta por algumas sínteses historiográficas realizadas entre os séculos XIX e XX. Para Carvalho, que concebe o movimento iluminista como um conjunto de ideias harmoniosas elaboradas por diferentes pensadores, esta perspectiva historiográfica – quase sempre vinculada ao modelo francês e associada ao projeto da *Encyclopédie*, segundo a qual pequenas divergências não chegavam a afetar em grande escala este ideal de unidade – banalizou a questão do Iluminismo, deixando de levar em consideração as especificidades, os debates, as diferenças e as tensões inerentes a esse movimento de ideias.<sup>8</sup>

Diversos pesquisadores expressaram opiniões distintas em relação à dinâmica de propagação das ideias de cunho iluminista entre os séculos XVII e XVIII. Este prolongamento da área geográfica do Iluminismo pode ser visto, em partes, como resultado de um processo decorrente de um revisionismo iniciado a partir da década de 1960, quando a produção historiográfica também começa a dedicar maior interesse e importância ao estudo do pensamento político. A partir daquela década, muitos historiadores se debruçaram sobre uma nova gama de textos produzidos por pensadores provenientes das mais diversas regiões, com o intuito de descobrir a maneira pela qual os conhecimentos iluministas foram difundidos e acolhidos pelas diferentes tradições culturais na época em que foram produzidos. Este renovado enfoque suscitou uma série de novos questionamentos e possibilidades, baseadas em novos problemas e abordagens que transformaram o Iluminismo, nas palavras de Franklin Baumer, em um alvo móvel, permeado por dúvidas, mudanças de espírito, divisões internas, temporalidades distintas e por características particulares.<sup>9</sup>

Autores como Pedro Calafate, Rómulo de Carvalho, Kenneth Maxwell, Lopes Praça e Franco Venturi, identificaram a presença de alguns destes ideais iluministas em Portugal. Seus estudos apontaram, entre outros elementos, para o embate entre a Filosofia Antiga e a Filosofia Natural moderna que ocorreu em território português durante a segunda metade do século XVIII, como resultado de um espírito de mudanças que se estabeleceu naquele reino, bastante próprio aos ideais reformadores do Iluminismo. Entretanto, a identificação de aceções iluministas no contexto sociopolítico de Portugal Setecentista é visto por esta historiografia como um tema polêmico e controverso. Isto porque, o ambiente político e intelectual lusitano apresentou, naquele contexto, características muito próprias, predominantemente católicas e monárquicas. Pedro Calafate mostra, entretanto, que as primeiras manifestações de participação da cultura portuguesa na dinâmica do pensamento iluminista remontam ao reinado de D. João V (1706-1750), a partir de 1740. Segundo Calafate, estudiosos e membros do mais alto estrato social português elaboraram, por esta época, uma determinada imagem do reino, com o objetivo de contrapor a realidade do século XVIII a outros períodos da história portuguesa. O século XVII, por exemplo, foi atrelado a um perfil marcado por espessas trevas, falsa filosofia e mau gosto, que teriam conduzido o reino a um estado de decadência cultural que dificilmente seria superada.<sup>10</sup>

Segundo Kenneth Maxwell, é possível identificar, na segunda metade do século XVIII, a influência de certos atores políticos próximos ao centro da monarquia portuguesa que

7 IM HOF, Wlrich. *A Europa no Século das Luzes*. Lisboa: Presença, 1995, p. 148.

8 CARVALHO (2008), *op. cit.*, p. 15.

9 BAUMER, Franklin L. *O pensamento europeu moderno: Volume I, séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Edições 70, 1990, p. 164.

10 CALAFATE, Pedro. *Portugal como problema, séculos XVII e XVIII – da obscuridade profética à eficácia geométrica*. Vol. II. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2006, p. 147.

---

---

ainda partilhavam dessa ideia de defasagem que julgavam existir entre Portugal e as demais monarquias europeias. Dispondo de novas formas de conhecimento e de inovadores métodos por elas definidos, os membros desta elite portuguesa teriam então elaborado um projeto de caráter reformador, visando o aprimoramento do Império como um todo. Maxwell aponta, entre estes, para Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), ministro de D. José I, conde de Oeiras e marquês de Pombal, título que o tornaria célebre em todo o mundo. Como ocorreu com outros estadistas e intelectuais portugueses, a carreira diplomática junto às Cortes de Londres e Viena permitiu a Carvalho e Melo conhecer e avaliar a situação em que se achava Portugal em relação às demais monarquias europeias, e a imagem negativa por ele observada – e por seus partidários – acabou sustentando uma iniciativa reformadora não apenas na organização política do reino português, como também na preocupação com o ensino da sociedade lusitana.<sup>11</sup>

O projeto reformador pombalino, e o ideal de Ilustração que o embasou, permitiu avanços significativos na tradição educacional da cultura portuguesa, podendo-se observar um avanço na produção de conhecimentos de cunho filosófico nessa sociedade. Vinculada diretamente à questão do ensino, a produção filosófica daquele período não pode ser desvincilhada da influência da Companhia de Jesus. Introduzidos em Portugal, ainda durante o século XVI, os seguidores de Inácio de Loyola, inicialmente constituíam um grupo pequeno, no entanto, essa ordem religiosa conseguiu influenciar os governantes, tornando-se, em um breve espaço de tempo, a principal responsável pela educação dos fidalgos portugueses, assim como um grande número de jesuítas também exerceram a função de confessores desses fidalgos e da própria família real.

Segundo Rómulo de Carvalho, a Companhia de Jesus dominou por aproximadamente duzentos anos quase toda a produção intelectual portuguesa, instruindo sucessivas gerações de governantes e nobres, por meio dos quais fortificava suas doutrinas. Esta primazia jesuítica na questão do ensino pode ser observada em outros reinos europeus. Entretanto, desde o início da instalação desta ordem religiosa em seu território, o reino de Portugal se mostrou um lugar aberto à assimilação e à recepção das ideias propagadas pelos inicianos. Ainda segundo Carvalho, o número de escolas criadas pelos jesuítas no reino e em seus territórios ultramarinos foi bastante expressivo. No antigo continente, as instituições da Companhia que possuíam maior projeção, para além da Universidade de Coimbra, que passaram a controlar já no século XVI, foram o Colégio das Artes, situado em Coimbra, o Colégio de Santo Antão, na cidade de Lisboa, e a Universidade de Évora. Nestes estabelecimentos de ensino, os jesuítas voltaram-se, entre diferentes matérias, ao ensino da Filosofia. Para este fim, redigiram uma série de compêndios e estatutos expressando as doutrinas que defendiam, ou seja, os ideais de pensadores como Aristóteles, São Tomás de Aquino e aqueles professados pela segunda Escolástica Medieval. Para a redação daqueles textos, baseados na obra iniciano, os jesuítas procuraram reunir o saber filosófico produzido e considerado em harmonia com as Sagradas Escrituras. Posteriormente, os compêndios e estatutos foram reunidos e denominados como Curso Coninbricense, que foi adotado para a prática do ensino não somente nas escolas jesuíticas portuguesas, como também em suas congêneres por toda a Europa.<sup>12</sup>

De meados do século XVI até a publicação do Curso Coninbricense, concluído durante década inicial do século XVII, a produção intelectual dos membros da Companhia de Jesus esteve em uma situação bastante confortável, devido a aparente inexistência de opositores que pudessem fazer frente às suas doutrinas e ensinamentos. Foi somente com o advento do século XVIII que se verificou uma verdadeira iniciativa de refutação da produção filosófica peripatética ligada à escolástica medieval. Esta refutação foi marcada por um ideal

---

11 MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: paradoxo do iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 15.

12 CARVALHO (1982), *op. cit.*, p. 35.

de valorização de novo paradigma científico e filosófico, assim como pelo aparecimento dos chamados sistemas modernos de Filosofia Natural, em território português. Durante aquele período, pode-se observar ainda a ascensão de outra importante ordem religiosa em Portugal: a Congregação do Oratório.

Diferente da posição que viria a ocupar no panorama cultural português de meados do Setecentos, as atividades de ensino vinculadas à Congregação dos Clérigos do Oratório de Nossa Senhora de Assunção não surgiram, no ano de 1668, com inclinações pedagógicas bem delimitadas. De acordo com o historiador português Francisco Contente Domingues, no entender de seu promotor, o padre Bartolomeu de Qental, a junção dos congregados desta ordem, em geral clérigos seculares sem qualquer obrigação de prestar votos, visava, primeiramente, iniciar e difundir entre eles um novo entendimento em relação à vida religiosa, para prestar assistência aos setores mais carentes da população.<sup>13</sup>

Para Domingues, a idade, a formação e as condições requeridas aos candidatos que pretendiam ingressar na Congregação do Oratório pareciam dispensar a existência de cursos voltados aos estudos básicos no interior desta instituição. Entretanto, a entrada cada vez em maior número, e precoce, de jovens que não detinham conhecimentos básicos levou à criação de aulas destinadas não somente a educar tais indivíduos, como também ao público externo que delas quisesse fazer parte. Não se sabe exatamente em que data as aulas começaram a ser ministradas. Porém, os cursos voltados ao ensino de filosofia e teologia no interior da Congregação tiveram seu início datado por autores, como Rômulo de Carvalho, durante a década de 1670. Esses cursos também teriam sido abertos ao público externo à Congregação desde seu início, aumentando a afluência de outros alunos entre os oratorianos.

Grande sucesso pedagógico, esta iniciativa educacional dos membros da Congregação do Oratório levou a um inevitável choque de interesses com a Companhia de Jesus, devido ao papel hegemônico que a última desempenhava no sistema de educação em Portugal. Como resultado deste primeiro embate, aos métodos de ensino propostos pelos padres oratorianos foi legado um papel subalterno em comparação aos dos seus rivais jesuítas. Ainda de acordo com Domingues, a situação dos seguidores de São Felipe Neri alterou-se somente no século XVIII, com o reinado de D. João V. A proteção daquele monarca à Congregação e aos seus membros foi crucial para o desenvolvimento da mesma. Mediante a realização de concessões régias, como a validação dos exames feitos em latim na casa mãe da Congregação em Lisboa para a matrícula nas universidades lusitanas, a posição ocupada pelo padre Francisco Pedroso como confessor deste monarca, após a morte do jesuíta que o assistia, e, em especial, a doação da quinta de Nossa Senhora das Necessidades, transformada em hospício das Necessidades, equipado com uma rica biblioteca composta por cerca de 30.000 volumes, além de um completo Gabinete de Física, proporcionou a estes clérigos, finalmente, um campo profícuo ao desenvolvimento de suas concepções filosóficas.<sup>14</sup>

Durante a segunda metade do século XVIII, os membros e alunos da Congregação do Oratório, defensores e adeptos da Filosofia Natural moderna, ganharam notável visibilidade. A publicação de textos, como o Verdadeiro Método de Estudar, de Luís Antônio Verney, abriu caminho para o alvorecer da filosofia experimental e para o estabelecimento de certa tolerância frente a quaisquer padrões filosóficos alheios aos sistemas escolásticos. A Companhia de Jesus e seus métodos começavam, então, a perder espaço e primazia na questão do ensino. A filosofia peripatética, dominante na produção filosófica no reino de Portugal durante séculos, foi se tornando defasada, verdadeiro elemento de desconfiança e contestação, até por fim ser suprimida em muitos campos pelo método experimental moderno.

13 DOMINGUES (1988), *op. cit.* p.236.

14 *Ibidem.* p. 238.

---

---

Com a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios portugueses (1759), coube aos oratorianos a tarefa de conciliar os valores espirituais comuns ao cristianismo aos métodos modernos, para assim tentar ultrapassar a notória incapacidade do ensino tradicional na explicação da dimensão científica e filosófica do mundo que se oferecia ao homem ilustrado do Setecentos.<sup>15</sup> Nesse sentido, autores, como José Sebastião da Silva Dias, definiram como ecletismo filosófico,<sup>16</sup> as concepções de Filosofia Natural e de Natureza, defendidas pela Congregação do Oratório, e que circularam pela corte portuguesa durante a segunda metade do século XVIII. Assim, a introdução e a aceitação de novos ideais filosóficos em Portugal, no Setecentos, apresentaram significativas rupturas com o passado filosófico escolástico, sem entrarem em oposição aos dogmas defendidos pelos católicos.

A discussão entre seguidores dos métodos filosóficos antigo e moderno, bem como alguns elementos próprios à concepção de Filosofia Natural moderna, defendida pela Congregação do Oratório, pode ser observada na obra e no pensamento de um dos seus mais ilustres membros, o padre Teodoro de Almeida, conforme veremos a seguir.

## **A Recreação Filosófica, do padre Teodoro de Almeida, e a Filosofia Natural em Portugal na segunda metade do século XVIII**

Teodoro de Almeida, terceiro filho de uma humilde família, nasceu em Lisboa, em 7 de janeiro de 1722.<sup>17</sup> Ainda bastante jovem começou a acompanhar o pai em suas visitas à casa do Espírito Santo, da Congregação do Oratório, onde iniciou seus estudos. O interesse e aplicação demonstrados garantiu-lhe o apreço de muitos congregados, dentre os quais o padre Domingos Pereira, que o tomou sob sua proteção. Este amparo foi crucial para que ele viesse a ser aceito na Congregação, em 1735, com apenas 13 anos de idade, cinco a menos do que recomendavam os estatutos da ordem.

Após dois anos de noviciado, passou a se dedicar aos estudos de Filosofia com o padre João Baptista de Castro, pioneiro na realização de conferências públicas e experimentos científicos no Convento das Necessidades. Dedicou-se ainda aos estudos teológicos e da Matemática, matéria que julgava essencial para a compreensão da natureza. Posteriormente, foi nomeado professor substituto de Filosofia no Convento das Necessidades.

Em 1751, Teodoro de Almeida já ocupava uma importante cátedra destinada ao ensino de filosofia no Convento das Necessidades. Naquele mesmo ano, começou a realizar suas populares conferências demonstrativas de Filosofia Natural, bem como publicou a *Recreação Filosófica* ou *Diálogo sobre a Filosofia Natural* para a instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas, o primeiro tomo de sua maior obra.<sup>18</sup>

Defensor do ideal de que o objetivo de estudo do filósofo natural moderno não deveria ser outro se não o universo, Teodoro de Almeida procurou, nos dez tomos que viriam a compor sua obra, tratar dos mais diversos assuntos, sem se concentrar em um único tipo de metodologia empregada pelas escolas, universidades ou círculos intelectuais de seu tempo. Seu principal objetivo, como já indicamos, residia em apresentar os conhecimentos produzidos

---

15 DOMINGUES, Francisco Contente. *Ilustração e Catolicismo* : Teodoro de Almeida. Lisboa: Edições Colibri, 1994, p.40.

16 DIAS, José Sebastião da Silva. Ecletismo filosófico em Portugal no século XVIII: gênese e destino de uma atitude filosófica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano IV, 1972, p.22.

17 Os dados biográficos de Teodoro de Almeida foram retirados de DOMINGUES, Francisco Contente. *Ilustração e Catolicismo*: Teodoro de Almeida. Lisboa: Edições Colibri, 1994, p. 40-45; Teodoro de Almeida faleceu em Lisboa, no ano de 1804, deixando uma extensa e influente obra intelectual, muito importante para a divulgação científica e também dos costumes cristãos.

18 DOMINGUES (1994), *op. cit.*, p.42.

pelos membros destas instituições em uma linguagem comum e acessível a um maior número de pessoas. Desta forma, segundo Domingues, valendo-se de perspectivas epistemológicas modernas, de autores como Newton, Copérnico ou Descartes, a Recreação Filosófica pode ser vista como uma obra pedagógica que partilhava do princípio de que o saber não deveria ser algo exclusivo ao universo fechado pelos muros escolares, confinado somente entre aqueles que dominavam as técnicas eruditas de escrita e leitura.<sup>19</sup>

No Prólogo do primeiro tomo, Teodoro de Almeida justifica sua proposta de universalização dos saberes opondo-se àqueles que defendiam que a Filosofia e os novos saberes deveriam ser publicados somente em latim. Para ele, uma vez que Deus não havia negado aos seres humanos o dom da razão, que possibilitava a compreensão de todas as coisas, era injusto negar o acesso às novas descobertas filosóficas a pessoas que não possuíam instrução fora de seu idioma ou que não estavam inseridas nas discussões produzidas no interior das academias ou círculos intelectuais. Segundo Almeida, a Filosofia não possuía idioma ou pátria, e o próprio caráter universal dela justificava sua universalização, seja entre os povos considerados “bárbaros” ou entre os mais civilizados.<sup>20</sup>

Escrito sob esta perspectiva da universalização dos saberes, o primeiro tomo da Recreação Filosófica proclama o valor e a autoridade da Filosofia Natural moderna e do método experimental, sem negar os preceitos da religião cristã.

[...] o Sábio Author do mundo na producção das creaturas deixou nellas em certo modo gravado seu nome, e huns admiraveis vestigios de quem fora seu author. Todos os homens vem este mundo, e tratam com frequencia as creaturas de que se compõem; mas são mui poucos os que sabem reparar na imagem do Creador, que nellas se acha estampada, quando a consideração as sujeita a huma reflexão madura: a isso unicamente se ordena todo o estudo da Filosofia.<sup>21</sup>

Percebe-se que a concepção filosófica defendida por Teodoro de Almeida está associada a ideais teológicos, segundo os quais o propósito dos estudos e observações filosóficas seria alcançar Deus. Em outras passagens de seu texto, o padre oratoriano confirma esta perspectiva, ressaltando que o objetivo central de sua obra era servir de guia para aqueles que desejassem conhecer a beleza natural das criaturas deste mundo e transcender a um plano divino, ou ao considerar Deus enquanto um elemento comum de todas as coisas.

O primeiro volume da obra ainda apresenta ao leitor uma definição de Filosofia Natural que, segundo Teodoro de Almeida, em determinados pontos, já se tornara consenso entre as universidades e círculos intelectuais de seu tempo. Nesse tomo, o oratoriano define a Física, ou Filosofia Natural, de sua época como: “huma ciência, que trata de todas as coisas naturaes, dando a razão, e apontando a causa de todos os effeitos ordinarios, e extraordinarios que vemos com os nossos olhos”.<sup>22</sup> Essa disciplina trataria dos céus, dos astros e dos meteoros; declararia a causa das chuvas, dos ventos, da origem das marés e das fontes; trataria de cada um dos elementos observados no mundo e de suas propriedades. Em resumo, todo o meio natural que nos cerca seria sua matéria de estudo, merecendo especial atenção as plantas, os animais e o próprio homem.

19 DOMINGUES (1988), *op. cit.* p.236.

20 ALMEIDA, *Recreação Filosófica*, Vol. 1, p.35-36.

21 *Idem*, p.19.

22 *Idem*, p.4-5.



---

---

Desta forma, com a exposição de preceitos que comporiam o estudo experimental dessa matéria, como as propriedades e partes comuns a todas as coisas, o movimento de gravitação presente em todos os objetos, as máquinas capazes de elevar grandes quantidades de peso, a velocidade, a geometria, o movimento reflexo e peso dos corpos líquidos, Teodoro de Almeida mostra que ao filósofo natural moderno caberia considerar detalhadamente sobre tudo o que fosse visível neste mundo, tratando do que foi produzido pelo “grande criador” desse meio natural; ou seja, o seguidor do método moderno abordaria em todos os detalhes o mundo criado por Deus.

Percebe-se que Teodoro de Almeida procurou defender a Filosofia Natural moderna, e o método experimental a ela atrelado, da suspeita de ateísmo e provar que o filósofo natural moderno possuía um maior conhecimento acerca da grandeza e da atuação divinas sobre o mundo, quando comparado ao seguidor do método peripatético. A Filosofia Natural defendida pela Congregação do Oratório seria superior à velha filosofia escolástica, e ela, enquanto uma forma de interpretação da grandeza e sabedoria do Criador, não poderia ser apresentada como ateia, conforme pretendiam muitos de seus opositores.

De acordo com o filósofo português Pedro Calafate, essa reflexão a respeito da ideia de natureza continuou a permear a produção intelectual de Teodoro de Almeida. Seja nos volumes que se seguem à publicação do primeiro tomo da *Recreação Filosófica* ou em outras obras, voltadas aos mais vastos domínios do saber.<sup>23</sup> Na *Recreação Filosófica* sobre a Filosofia Moral em que se trata dos Costumes, décimo tomo dessa sua obra, Teodoro de Almeida ainda trata da ideia de natureza vinculada aos dogmas religiosos cristãos. Contudo, este último volume da *Recreação Filosófica* diferencia-se significativamente daqueles que o antecedem. O próprio Teodoro de Almeida não era mais aquele do início de suas atividades intelectuais. Segundo Maria Luísa Malato Borralho, o terremoto que assolou a cidade de Lisboa no ano de 1755 abalou em grande escala a vida daquele oratoriano. Testemunha ocular da grande destruição causada pelo abalo sísmico, ele presenciou a ruína da sede da Congregação do Oratório e assistiu a fatos que o fariam refletir sobre a justiça e a presença da mão divina no palco da história humana.<sup>24</sup>

Assim, no ano de 1800, vinte e três anos após regressar de um exílio que lhe fora imposto durante o período pombalino, Teodoro de Almeida publicou o tomo final de sua *Recreação Filosófica*, que tem como principal objetivo apresentar uma defesa da razoabilidade da moral cristã aos tempos modernos, quando o surgimento de novas formas de conhecimento propunha ideias por vezes contrárias a uma perspectiva de vida tradicional.

Teodoro de Almeida apresenta uma refutação das teses fundamentais da nova ética moderna, vista por ele como essencialmente ateia ou, ao menos, composta por indivíduos incrédulos. Os alvos da sua crítica são referidos ainda nas páginas iniciais da dedicatória do volume: são nomes emblemáticos do Iluminismo francês, como Rousseau, Diderot e Voltaire. Em oposição ao ideal de descrença atribuído a esses pensadores, Teodoro de Almeida procurou reafirmar a existência de Deus, o “Creador que nos deo o ser; porque tendo nos existência, e não podendo ter existência por nos mesmo, alguém no-la havia de dar”.<sup>25</sup>

A crítica à descrença presente no pensamento ilustrado francês pode ser vista ainda em outros momentos, como, por exemplo, em uma passagem referente à proposta de criação de uma cátedra voltada ao ensino do Ateísmo, em Paris, na França pós-revolucionária. Para Teodoro de Almeida, esta iniciativa se configurava como uma verdadeira blasfêmia, que

---

23 CALAFATE, Pedro. *A ideia de Natureza no século XVIII em Portugal (1740 – 1800)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994, p. 54-55.

24 BORRALHO (2001), op. cit., p. 217.

25 ALMEIDA, *Recreação Filosófica*, Vol. 10, p. 13.

os franceses não poderiam negar, sendo “uma nodoa indelével da Nação Franceza”.<sup>26</sup> Para o oratoriano, todos os homens deveriam ouvir com raiva e desprezo sugestões deste feitio, pois, uma vez que Deus havia criado todos os seres humanos, seria inadmissível e indesculpável que os mesmos não reconhecessem a existência de seu criador.

Desta forma, profundamente crítico aos ideais defendidos por esta ética moderna e às alterações que a mesma propunha em relação às estruturas sociais e religiosas de seu tempo, Teodoro de Almeida procurou enunciar um novo ideal ético, aproximando novamente o conhecimento filosófico ao catolicismo. Partindo deste pressuposto, elaborou uma longa exposição acerca de um ideal cristão de natureza, expondo “provas naturais” da existência de Deus, e elaborou um modo racional ou “natural” de ascender ao conhecimento de seus atributos.<sup>27</sup> Para isso, apresentou a ética como uma ciência dos costumes, considerando sucessivamente as obrigações do homem para com Deus, as obrigações do homem para consigo mesmo e as obrigações do homem relativamente aos outros homens, dedicando maior atenção ao segundo aspecto. Desacreditando, no decorrer de sua argumentação, os ideais propostos pela filosofia moderna nos anos finais do século XVIII, Teodoro de Almeida procurou reabilitar aquilo que poderíamos chamar de filosofia moral clássica, ou a ética cristã, no interior de um contexto que se acostumava a apreciar ideais laicos.

## Considerações Finais

Conforme mencionado, procuramos investigar de que modo a obra e o pensamento filosófico do padre Teodoro de Almeida poderiam nos remeter aos elementos constituintes de uma Filosofia Natural presente em Portugal, na segunda metade do século XVIII. Guiando nossa pesquisa por uma abordagem “contextualista”, ou seja, procurando oferecer sentido ao pensamento daquele padre oratoriano, em conformidade com o meio histórico que o criou, como sugere Quentin Skinner,<sup>28</sup> procuramos apresentar, primeiramente, o contexto sociopolítico de Portugal naquele período e, posteriormente, analisar a obra do padre Teodoro de Almeida, em consonância às ideias vigentes naquele contexto. Com isso, foi possível obter alguns indícios em relação à concepção da Filosofia Natural moderna portuguesa.

Para a historiografia a que recorremos, Portugal vivia, no século XVIII, uma época permeada por mudanças de grandes proporções em sua política e, em especial, com o ensino da elite de sua sociedade. A produção filosófica portuguesa encontrou neste contexto de mudanças um campo profícuo para seu desenvolvimento, com uma verdadeira iniciativa de refutação da produção filosófica peripatética, ligada à escolástica medieval e aos membros da Companhia de Jesus. Naquele período, pode-se observar o alvorecer da filosofia experimental e o estabelecimento de certa tolerância frente a quaisquer padrões filosóficos alheios aos sistemas escolásticos.

A introdução de ideias modernas em Portugal apresentou, entretanto, uma particularidade. Esta consistiu na tentativa de conciliação de valores espirituais comuns ao cristianismo aos métodos modernos. Desta maneira, a concepção de Filosofia Natural observada em Portugal, durante a segunda metade do século XVIII, foi mediada, como já indicamos, por um “ecletismo filosófico”, caracterizado pela introdução e aceitação de novos ideais no interior de sua produção filosófica, sem apresentar significativas rupturas ou oposição aos dogmas defendidos pelos católicos.

26 Idem, p. 25-26.

27 CALAFATE (1994), *op. cit.*, p. 57.

28 LOPEZ, Marco Antônio. Para ler os clássicos do pensamento político: um guia historiográfico. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.78.

---

---

A Recreação Filosófica, do padre oratoriano Teodoro de Almeida, é um caso exemplar desta escrita científica mobilizada com um claro objetivo de criar certa harmonia entre os ideais defendidos pela religião e pelas novas ciências empíricas. Ao analisarmos o primeiro e o último tomos que compõem essa obra de proporções enciclopédicas, ficou patente o fato de que, ainda que tenha apresentado as inovações filosóficas de seu tempo, Deus foi escolhido, por Teodoro de Almeida, como o principal elemento no interior de seu pensamento. Tanto no primeiro tomo, no qual defende a Filosofia Natural moderna e o método experimental da suspeita de ateísmo que pendia sobre eles, quanto no décimo, onde apresenta discursos em defesa da razoabilidade da moral cristã aos tempos modernos, este pendor teológico de seu pensamento é acentuado.

É importante ressaltar ainda que a idealização da Recreação Filosófica possuiu dois momentos distintos: começou como uma obra em defesa da Filosofia Natural moderna e tornou-se um libelo de crítica à Filosofia Moral moderna. Enquanto no primeiro tomo da obra, idealizado no início de sua atividade intelectual, Teodoro de Almeida buscou dar publicidade às inovações provenientes da experimentação e do conhecimento filosófico de seu tempo, ao final de sua vida, tendeu a se opor a algumas destas inovações, em defesa de referenciais espirituais e teológicos frente aos tempos modernos, em que o uso desses novos conhecimentos científicos propunha uma nova visão de mundo por vezes diversa da perspectiva tradicional, defendida pelo clérigo oratoriano.

Por fim, uma vez que a totalidade histórica nos é inalcançável, é sempre bom ressaltar o fato de que este trabalho procurou explorar apenas um dos muitos desdobramentos que o pensamento iluminista pode apresentar. A concepção de Filosofia Natural presente em Portugal, durante a segunda metade do século XVIII, observada no pensamento filosófico do padre oratoriano Teodoro de Almeida, certamente não é a única forma possível de identificação da presença de acepções de cunho iluminista no contexto sociopolítico português, que pode ter criado, e certamente criou, outros tipos de interpretações e sensibilidades acerca desta questão. Cabe ao pesquisador procurar aquela que lhe desperte maior atenção.

Artigo recebido em 16/12/2013 e aprovado para publicação em 26/04/2014.